

***Diógenes Laércio, Vidas e  
Doutrinas dos Filósofos  
Ilustres,  
Livro III: Platão***

*Tradução*

**Reina Marisol Troca Pereira**

Professora Auxiliar da Universidade da Beira Interior

<https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

[mtpp@ubi.pt](mailto:mtpp@ubi.pt)

Recebido: 30 de junho de 2020

Aprovado: 30 de setembro de 2020

DOI: <https://doi.org/10.47661/afcl.v14i27.40618>



**TRADUÇÃO**

PEREIRA, Reina Marisol Troca, Diógenes Laércio, Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, Livro III: Platão - Notas Introdutórias. Anais de Filosofia Clássica 27, 2020. p. 372-414

**RESUMO:** A tradução aqui disponibilizada de Diógenes Laércio, Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, Livro III: Platão é antecedida de algumas observações sumárias. Aborda-se vários aspetos, como fontes, estilo e transmissão do livro. A obra não é meramente laudatória. De facto, Laércio estende a sua exposição a diversos aspetos da vida de Platão, como carácter; Escola; amores; plágio; posses; testamento, sem omitir algumas informações menos abonatórias a Platão enquanto figura antitética, amado por uns, odiado e acusado por outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diógenes Laércio; Platão; biografia; filosofia.

**ABSTRACT:** The translation of Diogenes Laertius, Vitae, Book III: Plato here presented is preceded by some summary remarks. It addresses various aspects such as fonts, style and transmission of the book. The work is not merely laudatory. Indeed, Laertius extends his exposure to various aspects of Plato's life, such as character; School; loves; plagiarism; possessions; testament, without omitting some less credible information from Plato as an antithetical figure, loved by some, hated and accused by others.

**KEY-WORDS:** Diogenes Laertius; Plato; biography; philosophy.

# VIDAS E DOCTRINAS DOS FILÓSOFO ILUSTRES

## LIVRO III | PLATÃO<sup>1</sup>

[1] Platão era um ateniense, filho de Aríston e de Perictíone (ou Potone), que remontava a sua ascendência a Sólon<sup>2</sup>. Com efeito, Dropides, irmão deste, gerou Crítias<sup>3</sup>, do qual nasceu Calescro; deste, Crítias, um dos trinta<sup>4</sup>, e Glauco. Deste, Cármides e Perictíone. Desta e de Aríston nasceu Platão, na sexta linha de descendência a partir de

---

<sup>1</sup> Tradução a partir do original grego, em Dorandi, 2013, p. 242-96.

<sup>2</sup> 638 a.C. – 558 a.C. Cf. *Suda* σ776.

<sup>3</sup> Vd. um fragmento de Sólon fr. 22a W., acerca de Crítias, apelando a que ouça o seu pai: εἰπεῖν μοι Κριτίηι Ξανθότριχι πατρὸς ἀκούειν· ἢ οὐ γὰρ ἄμαρτινώωι πείσεται ἡγεμόνι, «Diz ao louro Crítias para ouvir o seu pai: ele obedecerá a um pai sem erro».

<sup>4</sup> Entenda-se 'trinta tiranos', οἱ Τριάκοντα, o governo de trinta magistrados (entre os quais Crítias) aconselhado (συνεβούλευσε) por Lisandro, no séc. V a.C., para governar Atenas derrotada na Guerra do Peloponeso (Dionísio Sículo 14.3.5). Vd., outrossim, a personagem Crítias, em Platão *Timaeus* 20e: Σόλων ποτ' ἔφη, ἦν μὲν οὖν οἰκεῖος καὶ σφόδρα φίλος ἡμῖν Δρωπίδου τοῦ προπάππου καθάπερ λέγει πολλαχοῦ καὶ αὐτὸς ἐν τῇ ποιήσει «Ora, Sólon, tal como refere nos seus poemas, era um parente e um grande amigo do nosso bisavô Dropides»

Sólón. Este descendia de Neleu e Posídon<sup>5</sup>. Referiam também que o seu pai descendia de Codro, filho de Melanto, os quais, segundo Trasilo , eram descendentes de Posídon.

[2] Espeusipo, na obra intitulada *O Banquete Fúnebre de Platão*<sup>6</sup>;

---

<sup>5</sup> Note-se que autores havia, na Antiguidade Clássica, como Xenófanes fr. 11, 14, 15, 16 Diels ou Eurípidés *Iphigenia Taurica* 385–391, que postulavam a concepção dos deuses pelo Homem, mediante a sua imagem hiperbolizada, e não o inverso, o que justificaria, desde logo, a recorrência de motivos e comportamentos comuns entre a esfera divina e a humana, bem como a existência de uma linha condutora, aproveitada antagónica ou sequencialmente entre diversas culturas civilizacionais. Mantendo a coesão da obra e evidenciando a ligação entre ambos os domínios, o autor articula histórias, quer da esfera divina, quer envolvendo também seres humanos. A continuação desta estratégia de considerar o humano como adveniente do divino tivera repercussão, em termos sociais, com o aproveitamento da genealogia divina como um processo justificativo de atributos humanos, hierarquias sociais (Cf. *eugenes*) e, por extensão, de alianças ou dissídios territoriais, o que, verificando-se já na Antiguidade, veio a ter repercussão na Europa Medieval, como atesta Geary, 2003, p. 74. A origem heroico-divina de uma *gens* ou dos seus reis, divulgada pela educação e reconhecida socialmente, não sendo de natureza biológica, tem de ser constantemente renovada através do culto religioso, na forma de honras divinas, como desenvolvem, entre outros, Bryant, 1986; Wolfram, 1997. Cf. Clemente de Alexandria 4.54.3: Καὶ οὐτὶ γε βασιλεῖς μόνον, ἀλλὰ καὶ ἰδιῶται θείας προσηγορίας σφᾶς αὐτοὺς ἐσέμνουν, «Tanto reis como pessoas privadas, exaltavam-se, intitulando-se a si mesmos deuses». Tal genealogia legitimava, igualmente, o poder político. Se os egípcios consideravam que os seus faraós descenderiam dos deuses (cf., metaforicamente, Clemente de Alexandria *Protrepticus* 4, com base nos *Salmos* 82.6. Vd. Roberts — Donaldson, 1979, p. 174; Russel, 2004, esp. p. 16–52; Lattey, 1916), notem-se, outrossim, casos concretos como o da dinastia de Ptolomeu, alegadamente descendente de Dionísio (vd. Vaillant, 1701; Smith, 1870, p. 564–598); a fundação de Micenas a Perseu; ou exemplos como o de Argos, região governada, nos seus primórdios, por um rei descendente de Zeus e Níobe (Apolodoro 2.1.1); ou ainda a circunstância de algumas famílias da nobreza intitularem os seus como descendentes de divindades, designadamente Dionísio, conforme ilustram as casas estafliana (de Estáflio), toantiana (de Toas), maroniana (de Maron); ou de figuras romanas objecto de veneração e de divinização, como o caso de *diuus Iulius* (vd. Dio Crisóstomo 44.51.1). À semelhança de figuras como o historiador Hecateu, que postulava pertencer à décima geração de um ramo parental de proveniência mitológica, segundo relata Heródoto (2.143: πρότερον δὲ Ἑκαταίῳ τῷ λογοποιῷ ἐν Θήβησι γεννηλογήσαντι τε ἑωυτὸν καὶ ἀναδήσαντι τὴν πατρίην ἐς ἑκκαδέκατον θεὸν ἐποίησαν, «Hecateu, o historiador, esteve certa vez em Tebas, onde estabeleceu uma genealogia para si, a qual o dava como descendendo de um deus, na décima sexta geração»), a genealogia de Platão comporta o nome de Sólón e Trasilo nobilita ainda mais a ascendência, ao incluir Posídon como antepassado do Filósofo Ateniense. No sentido inverso, o everemismo desenvolvido no séc. IV a.C. não atribui à ascendência divina a nobilitação de famílias ou de cidades, mas considera os deuses como representações de figuras com existência histórica, reverenciados pelos seus feitos. Vd. Songe-Möller, 2002 esp. p. 4–5, onde denota o orgulho dos cidadãos de Atenas, ao afirmarem-se descendentes do 'rico' Ericciónio (*Ilias* 20.220221). Vd. Spyridakis, 1968, a propósito do everemismo; Murdock, 2009, esp. p. 11.

<sup>6</sup> Πλάτωνος περίδειπνον.

Clearco, no seu *Encómio de Platão*<sup>7</sup>, e Anaxalides, no segundo livro *Dos Filósofos*<sup>8</sup>, referem que, em Atenas, corria a história de que Aríston pretendeu relacionar-se com Perictione, então no seu primor, mediante recurso à força, mas não conseguiu; e que, quando abandonou a violência, Apolo apareceu-lhe em sonhos. Desde então, deixou-a imaculada até ao nascimento do seu filho.

Depois nasce Platão<sup>9</sup>, conforme atesta Apolodoro, nas suas *Crónicas*<sup>10</sup>, aquando da Olimpíada 88<sup>11</sup>, no dia 7 do mês Targelion, no dia os délios dizem que nasceu Apolo. Faleceu (segundo Hermipo, numa cerimónia de casamento), no primeiro ano da Olimpíada 108<sup>12</sup>, com oitenta anos de idade. [3] Neantes, por seu turno, afirma que morreu aos 84 anos de idade. De facto, era seis anos mais novo do que Isócrates<sup>13</sup>. Na realidade, este nasceu sob [o arcontado] de Lisímaco<sup>14</sup>; Platão, no de Amínias, quando Péricles morreu<sup>15</sup>. Pertencia ao demo de Coluto, conforme atesta Antileo, no segundo livro de *Dos tempos*<sup>16</sup>. Outros julgam que nasceu em Egina, na casa de Fidiades, filho de Tales, conforme menciona Favorino, em *Histórias Diversas*<sup>17</sup>, já que o seu pai havia sido enviado, na companhia de outros, como colonizador<sup>18</sup>.

---

<sup>7</sup> Πλάτωνος εγκώμιον.

<sup>8</sup> Περὶ φιλοσόφων.

<sup>9</sup> Cf. *Suda* π 1707, a propósito do nascimento de Platão em Egina, na 88<sup>a</sup> Olimpíada, durante o arcontado de Diotimos (cf. 29/07/428–24/07/427 a.C.), tendo vivido durante 82 anos, no conturbado séc. V a.C., marcado pela Guerra do Peloponeso (431–401 a.C.). Cf. Wilamowitz-Moellendorff 1917.

<sup>10</sup> Χρονικοί.

<sup>11</sup> 427 a.C. Cf. Shaw, 2003.

<sup>12</sup> 348–345 a.C.

<sup>13</sup> Orador ático, 436 a.C.–338 a.C.

<sup>14</sup> c. 360 a.C. – 281 a.C.

<sup>15</sup> 429 a.C. Cf. Séneca *Epistulae* 6.58.31: *natali suo decessit et annum unum atque octogensimum*, «morreu no seu dia de nascimento, aos oitenta e um anos de idade».

<sup>16</sup> Περὶ χρόνων.

<sup>17</sup> Παντοδαπή ἱστορία.

<sup>18</sup> Cf. κλήρουχος.

Contudo, retornou a Atenas quando foram expulsos pelos Lacedemónios, na ocasião em que estes vieram em socorro dos Eginenses.

Foi corego em Atenas, tendo sido os encargos pagos por Díon, conforme refere Atenodoro, no livro VIII de *Dos Peripatéticos*<sup>19</sup>. [4] Teve os irmãos Adimanto e Gláucon, e a irmã Ptona, a qual foi mãe de Espeusipo.

Aprendeu letras com Dionísio, de quem faz memória, em *Rivais*<sup>20</sup>. Exercitou-se na ginástica sob a direção de Aríston, lutador Argivo. A partir dele, em virtude do seu corpo bem proporcionado, mudou o nome inicial de Aristocles, para Platão, pelo seu avô, segundo conta Alexandre, nas suas *Sucessões*<sup>21</sup>. Contudo, de acordo com outros, ficou assim denominado graças à amplitude<sup>22</sup> da sua expressão; ou porque tinha a fronte larga<sup>23</sup>, como regista Neantes. Reportam alguns que lutou nos Jogos Ístmicos, o que também afirma Dicearco, no primeiro livro de *Das Vidas*<sup>24</sup>. [5] Aplicou-se, outrossim, em pintura e compôs poesia, primeiramente, ditirambos, depois lírica e tragédias. Como confirma o Ateniense Timóteo, em *Das Vidas*<sup>25</sup>, diz-se que Platão tinha uma voz fraca.

Conta-se que Sócrates<sup>26</sup> viu em sonhos que tinha um jovem cisne sobre os seus joelhos, que rapidamente se cobriu de penas e, arensando, levantou voo. No dia seguinte, Platão foi-lhe trazido, e então reconheceu que ele correspondia à ave do sonho. De início, estudou filosofia na Academia, depois, no jardim perto de Colono - consoante refere

---

<sup>19</sup> Περιπάτων.

<sup>20</sup> Ἀντερασταί.

<sup>21</sup> Διαδοχαί.

<sup>22</sup> Cf. πλατύτης.

<sup>23</sup> Cf. πλατύς.

<sup>24</sup> Περὶ βίων.

<sup>25</sup> Περὶ βίων.

<sup>26</sup> Em virtude de dúvidas relativas à existência física de Sócrates, vd. Xenofonte *Memorabilia*.

Alexandre, em *Sucessões* –, seguindo Heraclito. Consequentemente, quando se preparava para competir com uma tragédia, tendo ouvido, diante do teatro de Dionísio, Sócrates, lançou fogo aos seus poemas, afirmando:

«Hefesto, chega aqui! Platão necessita de ti neste momento.»<sup>27</sup>

[6] Desde então, diz-se, aos vinte anos de idade, tornou-se discípulo de Sócrates. Com a morte deste, aproximou-se de Crátilo, discípulo de Heraclito, e de Hermógenes, que seguia a filosofia de Parménides. Depois, aos vinte e oito anos, conforme refere Hermodoro, dirigiu-se a Mégara, para junto de Euclides, com outros socráticos. Dali, foi a Cirene ter com o matemático Teodoro; daí para Itália, aa fim de contactar com os pitagóricos Filolau e Eurito. De seguida, para o Egito<sup>28</sup>, para ver os profetas, contando-se que Eurípides o acompanhou e que, tendo ficado doente aí, os sacerdotes curaram-no, com a água do mar. Daí afirmar:

«O mar lava todos os males dos homens.»<sup>29</sup>

[7] Além disso, que Homero<sup>30</sup> julgava que todos os homens egípcios eram médicos. Mas Platão também estava determinado a encontrar-se com os Magos, todavia as guerras da Ásia impediram-no. Tendo regressado a Atenas, passava o tempo na Academia, que é um

---

<sup>27</sup> Verbalização formular, pois segue literalmente o pedido de Tétis a Hefesto, *Ilias* 18.392 [Ἥφαιστε πρόμολ' ὄδε: Θέτις νύ τι σεῖο χαιρίζει.], apenas alterando o nome do suplicante – Πλάτων por Θέτις.

<sup>28</sup> Calder III, 1983 retrata dúvidas respeitantes à alegada viagem de Platão ao Egito, que poderá nunca ter ocorrido (cf. Zeller, 1888). Tal inscrever-se-ia no âmbito de confusões textuais no desenvolvimento de abreviaturas. Vd. D.L. 3.6, abreviatura inicial de Eú. de Diógenes, em οὐ φασι καὶ Εὐριπίδην αὐτῷ συνακολουθῆσαι, «diz-se que Eurípides o acompanhou até ali». Assim, Εὐριπίδην por Εὐδοξον, o que Estrabão 17.1.29 confirma: ἐκεῖ δ' οὖν ἐδείκνυτο οἱ τε τῶν ἱερέων οἴκοι καὶ Πλάτωνος καὶ Εὐδόξου διατριβαί. συνανέβη γὰρ διη τῷ Πλάτωνι ὁ Εὐδοξος δεῦρο, καὶ συνδιέτριψαν τοῖς ἱερεῦσιν ἑνταῦθα ἐκεῖνοι τρισκαίδεκα ἔτη, ὡς εἴρηται τισι «Mas em Heliopolis as casas dos sacerdotes e as escolas de Platão e Eudoxo foram-nos indicadas, pois Eudoxo foi a esse lugar com Platão e ambos passaram aí treze anos.» Vd. morte de Eurípides (ca. 406 a.C.). Cf., outrossim, 'Xenocrates', por 'Xenofonte' (1.16); 'Sólon', por 'Sócrates' (2.13); 'Anaximandro', por 'Anaxágoras' (8.70).

<sup>29</sup> Cf. Eurípides *Iphigenia Taurica* 1193.

<sup>30</sup> *Odyssea* 4.231.

ginásio suburbano, num bosque, assim denominado a partir de um herói chamado Academo, conforme regista Êupolis, na sua obra *Os Desertores*<sup>31</sup>:

«Nos pastos docemente umbrosos do divino Hecademo»

Igualmente, Timão, falando de Platão, referiu<sup>32</sup>:

«De todos era o líder, um peixe<sup>33</sup>, mas um doce orador, escritor de musicalidade semelhante à das cigarras, que, sob as árvores de Hecademo, emitem uma melodia como um lírio.»

[8] Porém, inicialmente chamava-se Hecademia, com He.

Ora, o filósofo também era amigo de Isócrates. Praxifanes registou uma conversa deles a respeito dos poetas, no campo, onde Platão hospedou Isócrates. Aristóxeno conta que combateu em três ocasiões: a primeira, em Tanagra; a segunda, em Corinto; e a terceira, em Délio, onde se destacou. Fez uma miscelânea dos dizeres heraclíticos, pitagóricos e socráticos. Relativamente ao sensível, segue filosoficamente Heraclito; no respeitante ao inteligível, Pitágoras; e na política, Sócrates.

[9] Alguns, entre os quais Sátiro, referem que terá escrito a Díon, na Sicília, para que comprasse a Filolau os três livros pitagóricos<sup>34</sup>, pela quantia de cem minas. Na realidade, diz-se que estava bem de vida, ao ter recebido mais de oitenta talentos de Dionísio, conforme salienta Onétor na obra *Se o sábio negocia*<sup>35</sup>.

Utilizou também muito do poeta cómico Epicarmo, do qual transcreveu muitas coisas, como refere Álcimo, nos quatro livros *A*

---

<sup>31</sup> Ἀστρατεύτοι.

<sup>32</sup> Fr. 80 D.

<sup>33</sup> Cf. B: πλατίστακος.

<sup>34</sup> A mesma informação é retomada em D.L. 8.7.84: Φιλόλαος Κροτωνιάτης Πυθαγορικός. παρὰ τοῦτου Πλάτων ὠνήσασθαι τὰ βιβλία τὰ Πυθαγορικά Δίῳνι γράφει, «Filolau de Croton era um pitagórico e foi a partir dele que Platão pediu a Díon que comprasse os tratados pitagóricos». Cf. Burkert 1972 224–5.

<sup>35</sup> Εἰ χρηματίζεται ὁ σοφός.

*Amintas*<sup>36</sup>. No primeiro livro, afirma o seguinte:

«É evidente que Platão toma muitas palavras de Epicarmo. Ora considere-se: Platão afirma que o sensível é aquilo que nunca permanece nem em qualidade nem em quantidade, mas está sempre em movimento e em mudança. [10] Assim, caso se retire um número das coisas, não ficarão iguais, nem em quantidade, nem em qualidade. E estas são as coisas a que pertencem o que sempre existiu e o que nunca existiu. O inteligível é aquilo a que nada se subtrai nem se junta. Assim é a natureza das coisas eternas, que é sempre igual e sempre conforme. De facto, Epicarmo, a respeito das coisas sensíveis e inteligíveis, disse claramente<sup>37</sup>:

- Os deuses existiram sempre<sup>38</sup>, sem que jamais deixassem de ser, e o que sempre foi é igual e sempre o mesmo.

(B) - Porém, diz-se que Caos foi o primeiro dos deuses.

(A.) - Como? Se antes não existia nada de onde vir nem para onde ir?

(B.) - Então, nada apareceu em primeiro lugar?

(A.) - Nem em segundo, por Zeus, [11] pelo menos no que concerne às coisas de que estamos agora a falar assim. Com efeito,

---

<sup>36</sup> Πρὸς Ἀμύνταν.

<sup>37</sup> Cf. versos, com metro, oscilando entre tetrâmetros trocaicos e trímetros iâmbicos.

<sup>38</sup> Na Antiguidade Grega partia-se do princípio de que os deuses, eram 'eternos' (αἰὲν εἰόντες). Cf. *Ilias* 1.290, 494, 21.518, 24. 99; *Odyssey* 5.7, 8.306, 12.371, 377; Hesíodo *Theogonia* 801, fr. 296.2 M-W; *hymnus ad Cererem* 325) e também 'eternamente jovens e imortais' (*Odyssey* 5.218: ἀγέραντοι καὶ ἀθάνατοι), possuindo um limite *a quo*, a partir do qual desenvolviam uma existência infinda. Não obliterar, porém, que tal constatação é, todavia, igualmente dúbia, como se verifica pelo seguinte excerto de Heródoto 2.53.1-2: ἔνθεν δὲ ἐγένοντο ἕκαστος τῶν θεῶν, εἴτε αἰεὶ ἦσαν πάντες, ὁκοῖοί τε τινὲς εἶδεα, οὐκ ἠπιστέατο μέχρι οὗ πρῶν τε καὶ χθὲς ὡς εἰπεῖν λόγῳ. "Mas se cada um dos deuses nasceu, ou se todos sempre existiram, e qual a sua aparência, não se sabia, a bem dizer, nem há pouco nem há muito tempo". Aliás, o simples facto de considerar que os deuses teriam nascido, como reporta Xenófanes (fr. 5 Fairbanks: ἄλλὰ βροτοὶ δοκέουσι γενεῖσθαι θεοὺς, "Mas os mortais supõem que os deuses nascem"), constitui, por si só, um ato de impiedade. Eis, pois, o comentário de Aristóteles *Rhetorica* 2.23.18, a partir da anterior citação: ταῦτόν, ὅτι καὶ ἐξ ὧν συμβαίνει ταῦτά· οἷον Ξενοφάνης ἔλεγεν ὅτι ὁμοίως ἀσεβοῦσιν οἱ γενεῖσθαι φάσκοντες τοὺς θεοὺς τοῖς ἀποθανεῖν λέγουσιν· ἀμφοτέρως γὰρ συμβαίνει μὴ εἶναι τοὺς θεοὺς ποτε. "Então Xenófanes disse: há tanta impiedade em afirmar que os deuses nascem, como em dizer que eles morrem. Na realidade, em ambos os casos, presume-se que em algum tempo eles não existiram". Vd. Troca Pereira, 2009b.



existiram sempre.

(A.) - Mas, se alguém pretender juntar uma pedra a um número par ou ímpar, ou retirar, parece-te que o número de pedras fica o mesmo?

(B.) - Certamente que não.

(A.) - E se alguém juntasse à medida de um cúbito outra medida, ou se a subtraísse do que já lá estava, a medida original ainda se manteria?

(B.) - Claro que não.

(A.) - Então considera os homens. Um cresce, outro diminui e todos estão em mudança contínua. Mas uma coisa que muda naturalmente e nunca permanece no mesmo estado deve ser sempre diferente do que mudou dessa forma. Assim, tu e eu fomos outros ontem, somos outros agora e seremos ainda outros amanhã. Assim, por essa razão, nunca somos os mesmos.»

[12] Além disso, Alcimo afirma o seguinte:

«Os sábios afirmam que a alma apreende algumas coisas por meio do corpo, designadamente: ouvindo e vendo; ao passo que outras conclui por si mesma, sem utilização do corpo. Por conseguinte, das coisas que existem, umas são sensíveis e outras inteligíveis. Por tal, Platão dizia que, caso se pretenda compreender os princípios de todas as coisas, primeiramente devem distinguir-se as ideias em si mesmas, como a igualdade, a unidade, a pluralidade, a magnitude, o repouso, o movimento. Em segundo lugar, deve presumir-se a existência do belo, do bom, do justo, entre outros. [13] Em terceiro lugar, devem ver-se ideias que têm ligação com outras, designadamente, o conhecimento, a magnitude, o domínio, considerando nós que as coisas têm os mesmos nomes que essas ideias, pois participam delas. Estou a afirmar que são justas as coisas que participam do justo; belas, as que participam do belo. Cada uma das ideias é eterna, é uma noção e além do mais é imutável. Por isso, afirma que as ideias se posicionam na Natureza como

paradigmas; e que as coisas, sendo imagens, se assemelham a elas.»

Além disso, Epicarmo, acerca do bem e das ideias, afirma:

[14] «(A.) - Acaso tocar aulos<sup>39</sup> é algo?

(B.) - Por certo que sim.

(A.) - Então e o homem a tocar aulos?

(B.) - De maneira nenhuma.

(A.)- Vejamos: O que é um tocador de aulos? O que julgas que é?  
Um homem, ou não?

(B.) - Sem discussão.

(A.) - Então não pensas que o mesmo deveria acontecer com o bem? Acaso o bem não é em si mesmo uma coisa? E aquele que aprendeu e o conhece não se torna imediatamente bom? De facto, assim como se torna tocador de aulos quem aprende a tocar aulos; bailarino, quem aprende a dançar; tecelão o que tece; da mesma maneira, se aprendeu alguma coisa do género, ele não seria arte, mas o artista.

[15] Platão, ao refletir sobre as ideias, afirma<sup>40</sup> que, se existe memória, existirão ideias nas coisas existentes, pois a memória é de coisas estáveis e permanentes, e nada permanece, a não ser as ideias. Como, afirma, poderiam os animais ter sobrevivido, a menos que tivessem apreendido a ideia e a Natureza os tivesse dotado de inteligência para esse efeito? Ora, eles lembram-se de semelhanças e dos seus alimentos, sejam eles de que tipo forem, demonstrando que todos os animais têm uma ideia inata da semelhança. E assim entendem o que lhes é similar.»

Então como refere Epicarmo?

[16] «Eumeu, a sabedoria não é única, mas antes, todo o ser vivo tem um entendimento similar. Com efeito, se examinares atentamente a

---

<sup>39</sup> Αὐλός, possível de traduzir-se, na actualidade, pelo instrumento 'oboé'. Cf. Ps.-Aristóteles, Περὶ Ἀκουστών.

<sup>40</sup> Platão *Phaedo* 96b.

galinha, ela não dá à luz os seus pintos com vida, mas chocando, fomenta a alma. Este saber é apenas conhecido da Natureza, pois a galinha aprendeu por si mesma.»

E ainda:

«Não admira nada dizer isto assim, nem que estejamos agradados conosco, e nos achemos belos. Com efeito, também parece formosíssimo a um cão um outro cão, um boi a outro, um burro a outro burro, o suíno ao suíno.»

[17] Estas coisas e outras similares regista Álcimo nos seus quatro livros, indicando o que Platão usou de Epicarmo. E que o próprio Epicarmo conhecia o seu saber pode constatar-se no que diz, prevendo que teria quem o imitaria:

«Pois, como julgo - na realidade, quando julgo algo, conheço bem -, chegarão tempos em que estas minhas palavras serão lembradas: haverá quem as tome e as liberte do metro que agora têm e lhes dê um traje púrpura, ornando com belas palavras e, sendo invencível, mostrará que os outros podem ser vencidos com facilidade.»

[18] Parece também que Platão foi o primeiro a levar para Atenas os livros de mimos de Sófron, até então desprezados; e a moldar caracteres ao estilo dele. Além disso, eles também foram encontrados debaixo da sua cabeça.

Navegou três vezes para a Sicília: a primeira<sup>41</sup>, com o objetivo de ver a ilha e as crateras<sup>42</sup>, quando Dionísio, filho de Hermócrates, era tirano, tendo-o obrigado a comunicar com ele. Todavia, tendo ele falado sobre a tirania, e afirmado que o um só não é superior, a menos que se alie a uma virtude, ofendeu aquele. Então, irado, «As tuas palavras - disse

---

<sup>41</sup> 390-388 a.C.

<sup>42</sup> Crateras do Etna.

- são de um velho senil», ao que ele<sup>43</sup> «e as tuas, de um tirano». [19] Consequentemente, o tirano, tendo ficado violentamente irado, de início pretendeu matá-lo. Depois, tendo sido dissuadido por Díon e Aristómenes, não o fez, mas entregou-o ao lacedemônio Polis, que tinha chegado numa embaixada, para que o vendesse. Aquele levou-o para Egina e vendeu-o. Na altura, Carmandro, filho de Carmandrides, aplicou-lhe a pena de morte ao abrigo da lei que vigorava entre eles<sup>44</sup>, mediante a qual era morto sem aguardar julgamento o ateniense que entrasse na ilha. Tal lei havia sido imposta por ele mesmo, como refere Favorino, em *Varia historia*<sup>45</sup>. Porém, como alguém tivesse dito, ainda que em brincadeira, que aquele que havia aportado era um filósofo, deram-lhe a liberdade. Outros dizem que foi levado diante da assembleia, sob vigilância; nada dizia em sua defesa e que estava pronto a aceitar o veredito. Decidiram não condená-lo à morte, mas determinaram vendê-lo como fosse um cativo de guerra.

[20] Aniceris Cireneu, que se encontrava ali casualmente, resgatou-o pela quantia de vinte minas - ou, segundo alguns, de trinta - e enviou-o para Atenas, para junto dos seus amigos. Estes enviaram logo o dinheiro. Contudo, [Aniceris] não o aceitou, alegando que não eram só eles que tinham o privilégio de cuidar de Platão. Outros afirmam que Díon enviou o dinheiro e que ele não quis recebê-lo, mas comprou-lhe<sup>46</sup> o pequeno jardim na Academia. Diz-se que Polis foi vencido por Cabrias, e depois afogado em Helice, porquanto o seu comportamento para com o filósofo provocou a ira divina, segundo refere Favorino, no primeiro livro dos seus *Memorabilia*<sup>47</sup>. [21] Porém, Dionísio ainda não se acalmara. Ao saber, escreveu a Platão, dizendo-lhe que não falasse mal dele, e ele retorquiu que não tinha tanto tempo, para tê-lo em mente.

---

<sup>43</sup> Entenda-se [Platão].

<sup>44</sup> Eginetanos.

<sup>45</sup> Παντοδαπή ἱστορία.

<sup>46</sup> Entenda-se [a Platão].

<sup>47</sup> Τὸν Ἀπομνημονευμάτων.

Na segunda [viagem], visitou o jovem Dionísio; solicitou-lhe terras e homens para viverem segundo a sua república. Todavia, ele<sup>48</sup>, ainda que tivesse prometido, não cumpriu. Alguns referem ainda que ele<sup>49</sup> correu perigo pela suspeita de ter persuadido Díon e Teotas a libertar a ilha. Nesta ocasião, Arquitas, o pitagórico, escreveu uma carta a Dionísio; intercedeu por ele e enviou[-o] a salvo para Atenas. A carta é esta:

«Arquitas saúda Dionísio.

[22] Todos nós, amigos de Platão, enviamos Lamisco e Fotidas, a fim de trazerem consigo, conforme estipulado, o homem. Procederás bem ao recordares-te da diligência com que nos pediste a todos a ida de Platão; que o exortássemos a viajar, garantindo segurança enquanto ficasse e no seu regresso. Lembra-te também do muito que apreciaste a sua vinda, e que o consideraste desde então como a nenhum dos outros que estão contigo. E a ter existido algum agravo, convém que ajas com humanidade e nos envies o indivíduo sem dano. Ao procederes assim, agirás com justiça e terás a nossa gratidão.»

[23] Na terceira vez, foi para reconciliar Díon com Dionísio. Porém, não o conseguindo, regressou à pátria. Aí não participou da política, apesar de os seus escritos mostrarem que era um político. A razão foi que o demo<sup>50</sup> estava acostumado com outras medidas. Refere Pânfila, no livro vinte e cinco de *Memorabilia*<sup>51</sup>, que, quando os arcádios e os tebanos fundaram Megalopolis, chamaram-no para ser seu legislador. Mas como se apercebesse de que não queriam igualdade, não foi. [24] Diz-se que intercedeu por Cabrias, o general, quando foi acusado sob uma pena morte, o que nenhum cidadão se atreveu a fazer; e que, nessa ocasião, quando subia à Acrópole com Cabrias, o sicofanta

---

<sup>48</sup> [Dionísio].

<sup>49</sup> [Platão].

<sup>50</sup> Vd. δῆμος.

<sup>51</sup> Τὸν Ὑπομημάτων.

Cléobulo encontrou-o e afirmou: «Vens aqui em auxílio de outro, ignorando que a cicuta de Sócrates também te aguarda?» Ao que ele respondeu: «Quando combati pela pátria, expus-me a perigos. Agora enfrentarei, como é próprio de um amigo».

Foi o primeiro a introduzir a discussão através de perguntas, como refere Favorino, no livro oito de *Varia historia*. Outrossim, o primeiro a introduzir Leodamante Tasio na prática do método de investigação através da análise. Também foi o primeiro, na filosofia, a empregar os termos *antípodas*, *elemento*, *dialética*, *qualidade*, *número oblongo*, e, dos limites, a *superfície plana* e a *providência divina*.

[25] Foi o primeiro filósofo a atacar o discurso de Lísias, filho de Céfalo, manifestando-o, palavra por palavra, no *Fedro*. E o primeiro a examinar a força da gramática. E, tendo sido o primeiro a contradizer quase todos os que o precederam, questiona-se porque não mencionou Demócrito. Neantes Ciziceno relata que, tendo ido<sup>52</sup> a Olímpia, todos os gregos se voltaram para ele. E aí encontrou Díon, que estava prestes a entrar em conflito com Dionísio. No primeiro livro de *Memorabilia*, de Favorino, refere-se que Mitríades Persa<sup>53</sup> colocou na Academia a estátua de Platão, com a seguinte inscrição: «Mitridates Persa, filho de Orontobates, dedicou às musas a imagem de Platão, feita por Silanion».

[26] Heraclides afirma que, ainda jovem, foi de tal modo modesto e ordeiro, que nunca se viu a rir desenfreadamente. Não obstante, foi ridicularizado pelos comediógrafos. Pelo menos então, Teopompo afirma o seguinte, em *Hedychares*<sup>54</sup>:

«Nada é verdadeiramente um, e até o dois dificilmente é, segundo

---

<sup>52</sup> [Platão].

<sup>53</sup> Guerras mitriádicas?

<sup>54</sup> Ἡδυχαρής.

afirma Platão<sup>55</sup>,»

Já Anaxandrides refere, em *Teseu*<sup>56</sup>:

«Quando tragava azeitonas, qual Platão.»

Timão retrata-o com trocadilhos<sup>57</sup>, assim:

«Como Platão plasmou, vendo plasmas fantásticos.»

[27] Alexis, em *Meropida*<sup>58</sup>:

«Chegas na altura certa. Quanto a mim, estou perdida, a andar acima e abaixo, como Platão, e não descobri nada sábio, apenas cansei as pernas.»

Também em *Ancilion*<sup>59</sup>:

«Falas do que não sabes; corre juntamente com Platão e ficarás a conhecer carbonato de sódio e cebola.»

Ânfis, em *Anfikrates*<sup>60</sup>

«- E quanto ao bem, o que quer que seja, que consigas obter por isto, senhor, conheço-o menos do que o bem de Platão.

(B.) - Então, aguarda.»

[28] Em *Dexidemides*<sup>61</sup>:

«Platão, nada mais sabes do que andar com o rosto coberto de raiva e as sobrancelhas elevadas como um caracol.»

---

<sup>55</sup> CGF 2.2.796-797 Meineke. Cf. Sócrates-personagem, Platão *Phaedo* 96e-97a: πόρρω που, ἔφη, νῆ Δία ἐμὲ εἶναι τοῦ οἴεσθαι περὶ τούτων του τὴν αἰτίαν εἶδέναι, ὅς γε οὐκ ἀποδέχομαι ἐμαντοῦ οὐδὲ ὡς ἐπειδὴν ἐνὶ τις προσθῆ ἔν, ἢ τὸ ἐν ᾧ προσετέθη δύο γέγονεν, ἢ τὸ προστεθέν, ἢ τὸ προστεθέν καὶ ᾧ προσετέθη διὰ τὴν πρόσθεσιν τοῦ ἑτέρου τῷ ἑτέρῳ δύο ἐγένετο «Por Zeus, disse, estou longe de pensar saber a causa de alguma dessas coisas - eu, que nem sequer ousou afirmar, quando um se junta a um, se a unidade à qual se fez a junção se tornou duas, ou se foi aquela que se adicionou, ou se aquela que se juntou e aquela a que se adicionou que se tornaram duas pela adição de uma à outra».

<sup>56</sup> Θεσεύς. Cf. Considerações de Diógenes a respeito de comportamentos de Platão [6.25-26], incluindo a viagem de Platão [Aristippos?] a Sicília sob o pretexto de conseguir azeitonas. Vd. CGF 3.170 Meineke.

<sup>57</sup> Cf., no original, ἀνέπλασσε Πλάτων πεπλασμένα.

<sup>58</sup> Μεροπίς.

<sup>59</sup> Ἀγκυλίων.

<sup>60</sup> Ἀμφικράτει.

<sup>61</sup> Δεξιδημίδη.

Cratino, em *Pseudypobolimaiois*<sup>62</sup>:

«(A.) - És um homem?

(B.) - Certamente.

(A.) - E tens alma?

(B.) - Nas palavras de Platão, não sei, mas julgo ter.»

Aléxis, em *Olimpiodoro*<sup>63</sup>:

«O meu corpo mortal ficou seco; a minha parte imortal voou para os ares.

(B.) - Acaso não é esta uma doutrina de Platão?»

E no seu *Parasita*<sup>64</sup>:

«Ou, qual Platão, falar sozinho.»

Também, Anaxilas, em *Botrylion*<sup>65</sup>, *Circe*<sup>66</sup> e *Ricas*<sup>67</sup>, zomba dele .

[29] Aristipo, no livro quatro de *Sobre Luxos Antigos*<sup>68</sup>, refere que ele amou um jovem chamado Aster, que estudava juntamente com ele astronomia, e Díon, de quem já fizemos menção, (e também Fedro, segundo afirmam alguns). Indício desse seu afeto são os seguintes epigramas, que escreveu para eles:

«Observa os astros, meu Aster! Quisera ser o céu, para poder olhar-te com muitos olhos.»<sup>69</sup>

E outro:

«Antes, entre os vivos, alumiavas, Eos; agora, morto, resplandeces como Vesper, no ocaso.»<sup>70</sup>

---

<sup>62</sup> Ψευδυποβολιμαίος.

<sup>63</sup> Ὀλυμπιοδωρος.

<sup>64</sup> Παράσιτος.

<sup>65</sup> Βοτρυλιών.

<sup>66</sup> Κίρκη.

<sup>67</sup> Πλουσία.

<sup>68</sup> Περὶ παλαιᾶς τρυφῆς.

<sup>69</sup> Cf. AP 7.669.

<sup>70</sup> Cf. AP 7.670.



[30] A Díon, assim:

«Os fados inimigos fizeram verter lágrimas perenes a Hécuba e às virgens troianas. Mas a ti, Díon, que conseguiste a vitória com belas empresas, os deuses prometem grandes esperanças. Jazes na ampla pátria, os teus concidadãos celebram-te, Díon, que deixaste o meu espírito louco de amor.»<sup>71</sup>

Conta-se que isto foi escrito sobre o seu<sup>72</sup> sepulcro, em Siracusa.

[31] Mas também dizem que amou Alexis e Fedro, como acima se referiu, para os quais compôs isto:

«Agora que disse que não há nada tão belo como Alexis, é contemplado e, ao passar, é observado por todos. Por que razão, alma minha, apresentas o osso aos cães e depois o reparas? Não foi assim que perdemos Fedro?»<sup>73</sup>

Também teve Arqueanassa<sup>74</sup>, à qual compôs os seguintes versos:

«Possuo Arqueanassa de Colofon, sobre cujas rugas repousa o Eros acutilante. Miseros de vós, que gozastes a juventude de primeira viagem dela! Por que ardor passastes!»<sup>75</sup>

[32] Também para Agaton:

«Ao amar Agaton, tinha a alma nos lábios. Na realidade, a infeliz ia, como se andasse.»<sup>76</sup>

E outro<sup>77</sup>:

«Atiro-te uma maçã: se quiseres<sup>78</sup> amar-me, recebe-a, e partilha a

---

<sup>71</sup> Cf. AP 7.99.

<sup>72</sup> [de Díon].

<sup>73</sup> Cf. AP 7.100.

<sup>74</sup> Meretrix.

<sup>75</sup> Cf. AP 7.217.

<sup>76</sup> Cf. AP 5.78.

<sup>77</sup> AP 8.259.

<sup>78</sup> Agaton.

tua virgindade! Se não pensas – que não aconteça –, recebe-a, e vê quão breve é.»<sup>79</sup>

E outro:<sup>80</sup>

«Sou uma maçã. Lança quem te ama. Corresponde, Xantipa, já que eu e tu morremos pouco a pouco»

[33] Dizem que também aos eretrienses, exilados:

«Somos eretrienses de raça, de Eubeia, jazemos perto de Susa: Oh! quão distantes da pátria jazemos!»<sup>81</sup>

E outro:

Também é seu o epigrama subsequente:

«Cípria disse às musas: Honrai, raparigas, Afrodite, ou irei armar Eros contra vós. As Musas para Cípria: "a Ares com essas palavras! Até nós esse menino não voa."»<sup>82</sup>

E ainda outro:

«Tendo um homem encontrado ouro, deixou um laço. Porém outro, não encontrando o ouro que deixara, enforcou-se com o laço que encontrou.»<sup>83</sup>

[34] Mólón, seu inimigo, referiu-lhe: «Não era de admirar – disse – que Dionísio estivesse em Corinto, mas que Platão estivesse na Sicília.» E parece que Xenofonte não estava em bons termos com ele. Com efeito, têm escritos similares, como se de amigos se tratasse, a saber, *Simpósio*, *Apologia de Sócrates*, e tratados morais (Além disso, um<sup>84</sup> escreveu *República*, outro<sup>85</sup> a *Instituição de Ciro*. E, em *Leis*, Platão afirma

---

<sup>79</sup> Cf. *AP* 5.79.

<sup>80</sup> Cf. *AP* 7.80.

<sup>81</sup> Cf. *AP* 7.259.

<sup>82</sup> Cf. *AP* 9.39.

<sup>83</sup> Cf. *AP* 9.45.

<sup>84</sup> [Platão].

<sup>85</sup> [Xenofonte].

que a educação daquele<sup>86</sup> é uma invenção. De facto, Ciro não é assim). E ambos recordam Sócrates, porém não se citam mutuamente, à exceção de uma vez em que Xenofonte nomeia Platão, no terceiro livro dos seus *Memorabilia*. [35] Diz-se que, pretendendo Antístenes ler publicamente um dos seus escritos, convidou-o<sup>87</sup> a estar presente. Como lhe perguntasse<sup>88</sup> o que queria ler, respondeu-lhe<sup>89</sup> que era sobre a impossibilidade da contradição. Então ele<sup>90</sup> disse: «Com podes escrever sobre isso?», e, demonstrando-lhe que discordava, redigiu um diálogo contra Platão, intitulado *Sathon*. Desde então foram desafetos um do outro. Consta-se que, tendo Sócrates ouvido ler o *Lísis* de Platão, «Por Hércules, tantas falsidades - disse - escreve este jovem acerca de mim.» De facto, o homem mencionou<sup>91</sup> muitas coisas que Sócrates nunca disse.

[36] Platão também foi inimigo de Aristipo. Com efeito, em *Da Alma*, acusa-o de não ter estado presente na morte de Sócrates, contudo estava perto, em Egina. Teve igualmente uma certa inveja de Ésquines<sup>92</sup>, diz-se, pois gozava de grande estima junto a Dionísio. Ao chegar<sup>93</sup>, foi desconsiderado por Platão, devido à sua pobreza, porém apoiado por Aristipo. Idomeneu refere que os discursos que Críton emitiu<sup>94</sup> na prisão, persuadindo à fuga, são de Ésquines. Porém, atribuiu àquele<sup>95</sup>, devido à inimizade [que nutria] por ele.

[37] Em nenhum lugar dos seus escritos Platão recorda o nome

---

<sup>86</sup> [Ciro].

<sup>87</sup> [a Platão].

<sup>88</sup> Entenda-se [Platão a Antístenes].

<sup>89</sup> Entenda-se [Antístenes a Platão].

<sup>90</sup> [Platão].

<sup>91</sup> [Platão].

<sup>92</sup> Cf. Ésquines, sem recursos monetários, na corte de Dionísio, em Siracusa D.L. 2.61-62.

<sup>93</sup> [Ésquines].

<sup>94</sup> Entenda-se [a Sócrates]. Cf. D.L. 2.60. Vd. Platão *Crito* 44b.

<sup>95</sup> [a Críton].

dele, exceto em *Da Alma*<sup>96</sup> e *Apologia*<sup>97</sup>. Aristóteles refere que o estilo dos discursos está entre a poesia e a prosa. Favorino [afirma] que apenas ele<sup>98</sup> permaneceu, quando Platão leu o discurso *Da Alma*. Todos os outros levantaram-se. Alguns referem que Filipe Opuncio transcreveu *As Leis* dele, que estavam gravadas em cera. Atribuem-lhe também o *Epinomis* dele. Euforion e Panécio afirmaram que o princípio de *República* se encontra muitas vezes refeito. Além disso, Aristóxenes refere que *República* se encontra quase toda escrita em *Controvérsias* de Protágoras. [38] É tradição que a primeira obra que escreveu foi *Fedro*. Na realidade, a exposição possui jovialidade. Dicearco, todavia, acusa o seu modo de escrever de vulgar.

Conta-se que, certa vez, tendo Platão visto um indivíduo a jogar dados, censurou-o. Mas, perante a resposta daquele de que era de pouca monta, «Porém o hábito», replicou, «não é coisa de pouca monta». Questionado se ficariam dele algumas memórias, como dos seus antecessores, respondeu: «Primeiramente, convém ganhar nome, depois haverá muitas». Certo dia, encontrando-se Xenócrates, disse-lhe que açoitasse o escravo. Com efeito, ele não podia, por estar irritado. [39] E também a um dos escravos, «ter-te-a açoitado, disse, se não estivesse irritado». Tendo montado um cavalo, apeou-se rapidamente, declarando ter cuidado para não contrair orgulho excessivo<sup>99</sup>. Aconselhava os embriagados a verem-se ao espelho. Assim, abster-se-iam de um hábito tão indecoroso. Dizia que beber excesso não convém em lugar nenhum, exceto nas festividades da divindade que dá o vinho. Também lhe desagradava o dormir em demasia. Ora, em *Leis*, afirma: «Quem está adormecido não tem valia nenhuma»<sup>100</sup>. Disse também que a verdade é a

---

<sup>96</sup> Platão *Phaedo* 59b.

<sup>97</sup> Platão *Apologia* 33e.

<sup>98</sup> [Aristóteles].

<sup>99</sup> Cf. ἵπποτυφία, 'altivez dos cavalos'. Considere-se o cavalo enquanto animal nobre. Vd. Aristófanes *Nubes*.

<sup>100</sup> Platão *Leges* 808b.

coisa mais agradável de ouvir-se. Outros, 'de falar'. Igualmente a respeito da verdade, em *Leis*<sup>101</sup>, diz assim: [40] «A verdade, estrangeiro, é coisa bela e estável. Porém, não é fácil de convencer». Julgava-se digno de que ficasse memória sua nos amigos ou nos livros. Gostava bastante de isolar-se, segundo afirmam alguns.

Morreu da maneira que referimos<sup>102</sup>, no ano 13 do governo de Filipe, conforme relata também Favorino, no terceiro livro de *Memorabilia*. Segundo menciona Teopompo, ele<sup>103</sup> prestou-lhe honras. Mironiano, todavia, regista, nos seus *Paralelos*, que Filon menciona provérbios que circulavam acerca dos piolhos de Platão, como se tivesse morrido por esse motivo. Foi enterrado na Academia, onde passou a maior parte do seu tempo a filosofar. [41] Por conseguinte, aquela foi chamada de Academia, a partir dele. Todos participaram do seu cortejo fúnebre. Os termos do seu testamento<sup>104</sup> foram os seguintes:

«Estas são as coisas que Platão deixou e dispôs: A propriedade em Ifestiadea, delimitada, a norte, pelo caminho que vem do templo de Cefisia; a sul, pelo Heracleu em Ifestiades; a este, pela propriedade de Arquestrato Freario; e a oeste, pela de Filipe de Colideu; e não seja permitido a ninguém vendê-la, nem aliená-la, mas será do menino Adimanto, enquanto possível. [42] Igualmente, a propriedade em Eresides, que adquirei a Calímaco, delimitada, a norte, pela propriedade de Eurimedonte Mirrinusio; a sul, pela de Demonstrato Xipeteon; a este, pela de Eurimedonte Mirrinusio; a oeste, pela de Cefiso. Três minas de prata. Um vaso de prata, que pesa 165<sup>105</sup>. Uma pequena taça, que pesa 65. Um anel de ouro e uma argola de ouro, a pesarem ambos quatro dracmas e três óbolos. O lapidário Euclides deve-me três minas. Dou a liberdade a Ártemis. Deixo quatro domésticos: Ticon, Bictas,

---

<sup>101</sup> Platão *Leges* 663e.

<sup>102</sup> Cf. 3.2.

<sup>103</sup> [Filipe].

<sup>104</sup> Cf. outros testamentos registados por Diógenes Laércio, a exemplo do de Teofrasto 5.51-57.

<sup>105</sup> [dracmas].

Apolionades e Dionísio. [43] Mobiliário, indicado no inventário, cuja cópia tem Demétrio. Não devo nada a ninguém. Os meus executores são Sostenes, Espeusipo, Demétrio, Egias, Eurimedonte, Calímaco e Trasipo.»

Tais eram as disposições. Inscreveram-lhe, sobre o túmulo, os seguintes epitáfios:

«Aqui jaz o divino Aristocles, o qual excedeu todos os mortais em prudência e justiça. Se alguém recebeu uma grande homenagem de todos pela sabedoria, ele detém isso em grande quantidade, sem que a inveja o siga.»<sup>106</sup>

[44] Outro:

«A terra acoberta aqui, no seu seio, o corpo de Platão, mas detém a sede imortal dos abençoados a alma do filho de Aríston, que um homem virtuoso honra, mesmo residindo longe dele, por ver a vida divina.»<sup>107</sup>

E outro mais recente:

«Águia, porque voaste sobre este sepulcro? Ou estás a contemplar a casa dos deuses?

- Sou a imagem da alma de Platão, que subiu para o Olimpo, enquanto a Ática tem o corpo térreo.»<sup>108</sup>

[45] Há também um nosso, assim:

«Se Febo não tivesse feito nascer Platão na Hélade, como teria curado com as letras as almas dos homens? O seu filho Esculápio é médico dos corpos, assim como Platão da alma imortal.»<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> Cf. AP 7.60.

<sup>107</sup> Cf. AP 7.61.

<sup>108</sup> Cf. AP 7.62.

<sup>109</sup> Cf. AP 7.108.

E outro, sobre a maneira como morreu:

«Febo criou Esculápio e Platão para os mortais, um, para salvar a sua alma; outro, para salvar o seu corpo. De um banquete de casamento, partiu para a cidade que fundou para si mesmo e construiu no solo de Zenão.»<sup>110</sup>

Tais foram então os epítafios.

[46] Os seus discípulos foram Espeusio Ateniense, Xenócrates Calcedónio, Aristóteles Estagirita, Filipe Opuncio, Hesteu Perintio, Díon Siracusiano Amicio, Heracleota, Erasto e Corisco Escepeio, Timolau Ciziceno, Eveon Lampsaceno, Piton, Heraclides Enienses, Hipotales e Calipo Atenienses, Demétrio Anfíopolites, Heraclides Pôntico e muitos outros, incluindo duas mulheres: Lastenia Mantineense e Axiota Fliasia, a qual ia vestida de homem, segundo denota Dicearco. Alguns referem que Teofrasto também ouviu [os discursos] dele. Camaleão refere o orador Hipérides e Licurgo. Polemon conta o mesmo. Sabino refere Demóstenes [47] como seu discípulo, no quarto livro de *Subsídios para a Crítica*, apoiando-se em Mnesistrato Tasio, e é provável.

Sendo tu, justamente, admiradora dele, e porque desejas saber as doutrinas deste filósofo, mais do dos outros que há, julgámos necessário escrever sobre a natureza dos seus discursos, da disposição dos diálogos e do método indutivo, tanto quanto possível, apenas de modo elementar e sumariamente, de maneira a que não falte à colação informação sobre as suas doutrinas e da sua vida. Seria como levar corujas a Atenas, como se diz, se te explicasse tudo pormenorizadamente.

Conta-se que o primeiro que escreveu diálogos foi Zenão Eleate. [48] Aristóteles<sup>111</sup>, contudo, no primeiro livro *Dos Poetas*, disse que foi Alexameno Estireu ou Teio, conforme afirma Favorino, nos seus

---

<sup>110</sup> Cf. AP 7.109.

<sup>111</sup> Vd. Ateneu 11.112, referenciando igualmente, neste sentido, Nícias de Niceia e Sotion.

*Memorabilia*. Porém, a meu ver, Platão poliu a sua forma, de maneira que é justo atribuir-lhe a primazia, tanto quanto ao seu embelezamento, como à sua invenção. O diálogo é um discurso composto por perguntas e respostas sobre assuntos filosóficos e políticos, relativamente aos caracteres das figuras introduzidas e à escolha da elocução. A dialética é a arte de discursar, através da qual refutamos ou defendemos alguma coisa, por meio de perguntas e respostas entre os interlocutores.

[49] De entre os <diá>logos de Platão, há dois tipos principais: um, expositivo; outro, inquisitivo. O expositivo divide-se em outros dois tipos: um teórico e outro prático. E o teórico, em físico e lógico; o prático, em ético e político. O inquisitivo também se divide em dois tipos principais: um, de exercício; outro, agonístico. O de exercício [divide-se] em maiêutico e peirástico; o agonístico, em acusatório e refutativo.

Não desconhecemos alguns que classificam os diálogos de outros modos [50] (designam uns como dramáticos, outros narrativos e outros de mistura). Todavia, estes empregam uma classificação mais própria da cena trágica do que da filosofia. Ora, de física, como *Timeu*; de lógica, *Estadista* e *Crátilo*, *Parménides* e *Sofista*; de ética, *Apologia*, *Críton*, *Fédon*, *Fedro*, *Simpósio*, *Menexeno*, *Clitofonte*, *Epístolas*, *Filebo*, *Hiparco* e *Rivais*; de política, *República*, *Leis*, *Minos*, *Epinomis* e *Atlântico*. [51] De maiêutica, *Alcibiades*, *Teages*, *Lísis* e *Laques*; peirásticos, *Eutifronte*, *Ménon*, *Ion*, *Cármides* e *Teeteto*; acusatórios, o *Protágoras*; refutativos, *Eutidemo*, *Górgias* e os dois *Hípias*. Já se disse o suficiente acerca do diálogo e das suas divisões.

Contudo, porque é muito controversa a opinião dos que afirmam que ele apresentou dogmas, e outros que não, trataremos também este assunto. Na realidade, cabe ao dogmático estabelecer dogmas, assim como ao legislador estabelecer leis. Chamam-se dogmas, quer aquilo sobre o que se opina, quer a opinião em si própria.

[52] Delas, a primeira é uma proposição; a outra, uma concepção. De facto, Platão expõe o que descobre, mas refuta o falso e suspende os



juízos obscuros. Os seus pareceres são apresentados através de quatro interlocutores: Sócrates, Timeu, um estrangeiro ateniense e outro eleata. Os dois estrangeiros não são, conforme entendem alguns, Platão e Parménides, mas trata-se de figuras imaginárias anónimas. Quando Sócrates e Timeu falam, apresentam-se as doutrinas de Platão. E quando refuta opiniões falsas, introduz Trasímaco, Calicles, Polo, Górgias, e ainda Protágoras, Hípias, Eutidemo e outros similares.

[53] Ao apresentar os seus argumentos, usa principalmente o método indutivo, não sempre o simples, mas o duplo. Indução é um discurso que, de umas premissas certas vai inferindo uma verdade similar. São duas as espécies de indução: uma procedente do contrário, e outra procedente da conformidade. Na que provém do contrário, a resposta para toda a questão será necessariamente o contrário da posição do inquirido. Assim, «O meu pai, ou é outro diferente do teu, ou é o mesmo. Ora, se o teu pai é diferente do meu, sendo outra coisa alheia a pai, não será pai; mas se o mesmo que o meu pai, sendo o mesmo que o meu pai, será meu pai». [54] E também: «Se o homem não é um animal, será pedra ou lenho. Mas não é pedra nem lenho, dado que é vivo e move-se autonomamente – logo, é animal. Mas, se é animal e também o cão e o boi o são, o homem será também animal, cão e boi».

Este é o tipo de indução que procede do contrário e da disputa, não para estabelecer dogmas, mas para refutar. A indução de conformidade é de dois tipos: uma exhibe uma questão particular através do particular; a outra, o universal {por meio do particular}. [55] A primeira é própria do retórico; a segunda, do dialético. Por exemplo, na primeira, inquire-se se um indivíduo cometeu um assassinato. A prova é ter sido encontrada nessa altura uma mancha de sangue nele. Esta espécie de indução é própria do retórico, pois a Retórica debruça-se sobre particulares e não sobre universais. Indaga, não a respeito do justo em si mesmo, mas acerca de casos particulares de justiça. O outro tipo é próprio do dialético e prova o geral através de factos particulares. Por exemplo, pergunta-se se a alma é imortal e se os vivos regressarão a

partir da morte. Tal prova-se em *Da alma*, por um universal – que opostos provêm de opostos. Este mesmo universal constrói-se a partir de vários particulares: por exemplo, dormir, a partir de acordar; e vice-versa; o maior a partir do menor, e o inverso. Servia-se deste tipo para preparar os seus pareceres.

[56] Assim como antigamente, na tragédia, o coro era o único ator; depois, Téspis introduziu um ator, a fim de que o coro descansasse; Ésquilo, um segundo; Sófocles, um terceiro e, desta forma, a tragédia ficou completa; assim também a Filosofia: de início, versava apenas sobre um assunto, a natureza; depois Sócrates acrescentou um segundo – a ética; Platão, um terceiro – a dialética e acabou por aperfeiçoar a Filosofia. Trasiló refere que ele publicou os seus diálogos em tetralogias. Assim também os poetas trágicos competiam com quatro dramas (nas Dionísias, Leneias, Panateneias e Cítrias). O quarto desses dramas era satírico; e os quatro designavam-se por tetralogia.

[57] Ora, os genuinamente dele, refere<sup>112</sup>, são cinquenta e seis ao todo, considerando a *República* dividida em dez (que Favorino afirma, no segundo livro de *Historia Varia*, se encontra quase toda nas *Contradições* de Protágoras) e as *Leis*, em doze. Portanto, nove tetralogias, ocupando a *República* o lugar de um livro e as *Leis*, de outro. Quanto à primeira tetralogia, aborda um argumento comum. Na realidade, pretende descrever como seria a vida do filósofo. A cada livro atribui dois títulos: um a partir do nome [do protagonista]; o outro, a partir do assunto. [58] Essa tetralogia, que é a primeira, inclui *Eutifronte* ou *Da Santidade*. O diálogo é peirástico. Em segundo lugar, a *Apologia de Sócrates*<sup>113</sup>, [um diálogo] ético. Em terceiro lugar, *Críton* ou *Do que deve fazer-se*, ético. Em quarto lugar, *Fédon* ou *Da Alma*, ético. A segunda tetralogia inclui *Crátilo* ou *Da Correção dos nomes*, lógico; *Teeteto* ou *Do Conhecimento*, peirástico; *Sofista*, ou *Do Ser*, lógico; *Político* ou *Do Governo*, lógico. A

---

<sup>112</sup> [Trasiló].

<sup>113</sup> Diálogo sem segundo título.

terceira inclui *Parménides* ou *Das Ideias*, lógico; *Filebo* ou *Do Prazer*, ético; *Simpósio* ou *Do Bem*, ético; *Fedro* ou *Do Amor*, ético. [59] A quarta inclui *Alcíbiades* ou *Da Natureza do Homem*, maiêutico; o segundo *Alcíbiades* ou *Da Prece*, maiêutico; *Hiparco* ou *Ambicioso*, ético. *Rivais* ou *Da Filosofia*, ético. A quinta inclui *Teages* ou *Da Filosofia*, maiêutico; *Cármides* ou *Da Moderação*, peirástico; *Laques* ou *Do Valor*, maiêutico; *Lísis* ou *Da Amizade*, maiêutico. A sexta inclui *Eutidemo* ou *O Contencioso*, refutativo; *Protágoras* ou *Sofistas*, probatório; *Górgias* ou *Da Retórica*, refutativo; [60] *Ménon* ou *Da Virtude*, peirástico. A sétima inclui os dois *Hípias* (o primeiro dos quais, *Da Beleza*; o segundo, *Da Mentira*), refutativos; *Íon* ou *Da Ilíada*, peirástico; *Menexeno* ou *Epitáfio*, ético. A oitava inclui *Clitofonte* ou *Protréptico*, ético; *República* ou *Da Justiça*, político; *Timeu* ou *Da Natureza*, físico. *Crítias* ou *Atlântido*, ético. A nona inclui *Minos* ou *Da Lei*, político; *Leis* ou *Da Legislação*, político; *Epinomis* ou *A Assembleia Noturna* ou *Filósofo*, político; [61] treze *Epístolas*, éticas (nelas escreveu 'Prosperidade'; Epicuro, 'Passar Bem'; Cleon, 'Felicidade'), uma a Aristodemo; duas a Arquitas; quatro a Dionísio; uma a Hermias, Erasto e Corisco; uma a Leodamante; uma a Díon; uma a Perdicas; duas aos amigos de Díon. Esta é a classificação dele<sup>114</sup> e também de outros.

Todavia, outros, entre os quais se inclui o gramático Aristófanes, dividem os diálogos em trilógicas. Na primeira, colocam *República*, *Timeu* e *Crítias*; na segunda, *Sofista*, *Político*, *Crátilo*; [62] na terceira, *Leis*, *Minos* e *Epinomis*; na quarta, *Teeto*, *Eutifronte*, *Apologia*; na quinta, *Críton*, *Fédon*, *Epístolas*. Os demais seguem separados e sem ordem particular. Alguns, conforme já se referiu, começam com *República*; outros, com *Alcíbiades Maior*; outros por *Teages*; alguns, por *Eutifronte*; outros, por *Clitofonte*; alguns por *Timeu*; outros, por *Fedro*; outros, por *Teeto*; muitos colocam *Apologia* no início. Concorde-se que são espúrios

---

<sup>114</sup> Trasiló.

de entre os diálogos: *Midon, Criador de Cavalos, Erixias, Erasistrato, Alcíon, Acéfalos ou Sísifo, Axíoco, Feaces, Demódoco, Quélidon, Sétima, Epiménides*. Deles, *Alcíon* parece ser de um certo Leon, segundo afirma Favorino, no livro V dos seus *Memorabilia*.

[63] Emprega<sup>115</sup> muita variedade de termos nas suas obras, a fim de o seu trabalho não ser facilmente perceptível pelos ignorantes. Não obstante, de certa forma, considera que a sabedoria consiste no conhecimento do inteligível e do real, como - afirma - o relativo à Divindade, e o da alma separada do corpo. Em particular, trata a sabedoria por Filosofia, que é o desejo<sup>116</sup> da sabedoria divina. No geral, considera sabedoria a toda a experiência, como quando apelida de sábio um artesão.

Também faz uso dos mesmos termos com diferentes sentidos. Por exemplo, diz *phaulos* com o sentido de *aplous*, tal como Eurípides aplica, em *Licímnio*, acerca de Hércules, na seguinte passagem:

«*Simples*<sup>117</sup>, sem adorno, em todo bem, bom para grandes feitos, talhando toda a sabedoria no trabalho, não versado em tagarelar».

[64] Platão também usa esporadicamente a mesma palavra<sup>118</sup> sobre o que é mau; por vezes também, sobre o que é pequeno. Com frequência, usa diversos vocábulos para um mesmo significado. Por exemplo, designa 'ideia' por 'forma', 'género', 'paradigma', 'princípio', 'causa'. Também usa vocábulos opostos com um mesmo significado. Por exemplo, chama 'sensível' quer ao existente, quer ao não existente: ao existente, porque nasce; ao não existente, por estar em mutação contínua. E 'ideia' ao que não se move nem permanece; e que é tanto ela mesma como muitas<sup>119</sup>. E faz isto em muitos outros casos.

---

<sup>115</sup> [Platão].

<sup>116</sup> Amor.

<sup>117</sup> Φαῦλος.

<sup>118</sup> Phaulos.

<sup>119</sup> Cf. unidade e pluralidade.

A interpretação dos seus diálogos é tripla. [65] Primeiramente, o significado de cada afirmação deve ser explicado; de seguida, dizer a sua razão, se é primária ou é parte na ilustração; se para exprimir dogmas ou para refutar o interlocutor; em terceiro lugar, examinar se são ditas corretamente.

E porque alguns sinais são providenciados pelos seus livros, falaremos também a respeito deles. *Xhi*<sup>120</sup> aplica-se às palavras e às figuras retóricas e, na generalidade, ao hábito linguístico de Platão; [66] o *diple*<sup>121</sup>, aos dogmas e princípios de Platão; *Xhi* ponteadado<sup>122</sup> para as seletas e belas; o *diple* ponteadado, para correções efetuadas; o *obelos* ponteadado, para as consideradas suspeitas sem razão; o *antisigma* ponteadado, para afirmações repetidas e transcrições de palavras; o *cerauion* para a escola filosófica; o asterisco, para o acordo das doutrinas; o *obelos*, para a espúria. Estes são os sinais e os livros. Quando (Antígono Caristo, em *De Zenão*, afirma) recém publicados, se alguém pretendesse consultá-los, pagava a quem os possuía.

[67] As [doutrinas] aprovadas por ele são estas: dizia que a alma é imortal; que passa para muitos corpos<sup>123</sup>, e que tem origem numérica, ao passo que o corpo a tem geométrica. Definia a alma como a ideia de um sopro disseminado por todas as partes. Que é autónoma e está dividida em três partes: que a parte racional encontra-se na cabeça; a passional, no coração; a desejosa conjuga-se no umbigo e fígado.

[68] E que, a partir do centro, envolve todo o corpo num círculo e que se compõe de elementos e que, tendo-se dividido em intervalos harmónicos, forma dois círculos que se unem, e o círculo interior, encontrando-se dividido em seis, perfaz um total de sete círculos, e que este se move, na diagonal, para a esquerda, e de lado, para a direita. Por

---

<sup>120</sup> X.

<sup>121</sup> Διπλή (>).

<sup>122</sup> ·X·.

<sup>123</sup> Cf. transmigração. Vd. ligação às doutrinas órfica e pitagórica.

consequente, este último é superior. De facto, o outro interior está dividido. Este é o [círculo] do Mesmo; aquele, do Outro, dizendo que o movimento da alma é o do universo e das revoluções dos planetas.

[69] Por outro lado, a divisão a partir do centro, para as extremidades, estando harmoniosamente ajustada, [a alma] conhece o que existe e ajusta, pois possui os elementos harmoniosamente dispostos em si. E que o círculo do Outro, ao seguir corretamente, gera a opinião; o conhecimento, porém, a partir do [círculo] do Mesmo. E apresenta dois princípios de tudo: a Divindade matéria, que designa como mente e causa. A matéria é amorfa e ilimitada; a partir dela formam-se os compostos. Que, com movimento desordenado, foi reunida num único local pela divindade, preferindo a ordem à desordem. [70] Que a substância se converteu nos quatro elementos: fogo, água, ar, terra, a partir dos quais foi criado o mundo e tudo quanto há nele. Refere que apenas a terra não se transforma, julgando-se como causa a variedade das formas dos [elementos] que a compõem. Com efeito, as formas dos outros elementos julgam-se homogêneas (na realidade, todas reunidas a partir de um triângulo escaleno), mas que a terra tem a sua forma própria; que o [elemento] do fogo tem forma de pirâmide; o do ar, de octaedro; da água, de icosaedro; da terra, de cubo. Por conseguinte, a terra não se transforma nos demais elementos, nem eles na terra.

[71] Que cada elemento não possui o seu próprio lugar, separadamente, porque a revolução reúne as pequenas partículas, conjugando-as no centro, e separa as grandes. Como tal, ao mudarem de forma, mudam de lugares.

E que existe um único mundo criado, quando foi tornado perceptível pela divindade; e que está animado, dado que o animado é melhor do que o inanimado. Que este artefacto está submetido a uma causa excelente. Que foi criado único e não ilimitado<sup>124</sup>, por ser também único o modelo de onde foi criado. [72] Que é esférico, por ser também

---

<sup>124</sup> Cf. *ápeiron*.

a forma do seu criador. Com efeito, aquele contém todas as criaturas vivas, e esse [universo], as formas de todos. Que é liso e sem órgão nenhum na sua circunferência, por não ter nenhuma necessidade deles. Além disso, que o universo permanece imperecível, porque não se dissolve na divindade. E que toda a criação é causada pela Divindade, porque faz parte da natureza da Divindade fazer o bem e que a criação do universo tem essa causa. Com efeito, a mais bela das coisas criadas deve-se à melhor das causas inteligíveis. Como tal, uma vez que a Divindade é assim, o universo assemelha-se ao melhor, na sua beleza, não se assemelhando a nada criado, exceto à Divindade.

[73] Que o mundo compõe-se de fogo, água, ar, terra. De fogo, para que seja visível; de terra, para que seja sólido; de água e ar, para ser proporcional (com efeito, as forças dos sólidos conjugam dois centros para criar o todo), e gerou-se a partir de todos, para ser completo e indestrutível.

Que o tempo foi criado como imagem de eternidade. E, enquanto esta permanece para sempre, o tempo consiste no movimento do céu. De facto, noite, dia, mês e os demais são todos partes do tempo. Como tal, à parte da natureza do universo, o tempo não existe. Porém, assim que teve início, o tempo existe com ele.

[74] O Sol, a Lua e os planetas foram gerados para formar o tempo. Que a Divindade acendeu a luz do sol, para que as estações tivessem um número distinto e que os animais partilhassem um número. Que a lua se encontra no círculo acima da terra; e o sol, a seguir; nos [círculos] acima, os planetas. Que é animado por estar sempre conexo com o movimento animado. E para que o mundo, criado à semelhança das criaturas inteligíveis ficasse completo, a natureza dos outros animais foi criada. Uma vez que aquele possui, o universo também deveria possuir. Com efeito, possui divindades, na maioria, cálidas.

E que além do mais existem três tipos: alado, aquático, terrestre.  
[75] E de todos os deuses no céu, a terra é a mais antiga. Foi criada para fazer a noite e o dia. Estando no centro, move-se em torno do centro. E

uma vez que há duas causas, há que referir, diz, que umas coisas se devem à razão, e outras têm uma causa necessária. Estes são ar, fogo, terra, água, que não são propriamente elementos, mas recipientes. Compõem-se de e solvem-se em triângulos. O triângulo escaleno e o isósceles são os seus elementos.

[76] Ora, os princípios e as causas são os dois referidos, sendo a Divindade e a matéria o modelo. Esta é necessariamente amorfa, como os outros recipientes. De todos, há uma causa necessária, pois de alguma forma recebe as ideias e gera as substâncias; de igual modo, move-se porque sua força é dissímil e, estando em movimento, coloca em movimento aquilo que cria a partir de si. Estas coisas, de início, moviam-se de forma irracional e irregular, mas, depois, começaram a compor o universo, tornaram-se, tanto quanto possível, simétricas e regulares, pela Divindade.

[77] Na realidade, eram duas as causas antes da criação do universo, tal como o devir em terceiro lugar, mas não eram distintas, apenas vestígios<sup>125</sup> e sem ordem. Quando o mundo foi criado, também receberam ordenação. A partir de todos os corpos existentes, criou-se o universo. Julga que a Divindade, como a alma, não tem corpo<sup>126</sup>. Apenas assim está isenta de deterioração e de sofrimento. E, como referido, que as ideias são causas e princípios, mediante os quais a natureza do que existe é assim.

[78] Sobre os bens e os males, dizia estas coisas: que o fim é a assimilação à divindade. Que a virtude é bastante por si mesma para a felicidade. Mas necessita de capacidades físicas como instrumentos: de força, saúde, argúcia e similares; também de [vantagens] externas, tais

---

<sup>125</sup> 'pegadas'.

<sup>126</sup> Vd., ainda assim, zoomorfismo divino em antigos vestígios recordados em epítetos conservados nas epopeias ditas homéricas (e.g. Atena, γλαυκῶπις, 'olhos glaucos' - cf. γλαῦξ, 'coruja'; Hera, βοῶπις, 'de olhar bovino' - cf. βοῦς, 'boi'). De notar que os deuses clássicos, ainda que mormente antropomórficos (cf. Xenófanes fr. 15 Diels-Kranz), há notícias de hibridismo de tradição egípcia. Cf. Ícor (*Ilias* 5.340,416) e imortalidade divinas, decorrentes da alimentação celestial - néctar e ambrósia.



como: riquezas, nobreza, reputação. Contudo, ainda que não tenha essas coisas, o sábio não será menos feliz. Participará na vida pública, contrairá matrimônio e não violará as leis impostas; tanto quanto puder, legislará para a sua pátria, a menos que os atos inexoráveis de extrema violência do povo, lhe pareçam extremos. [79] Supõe que os deuses observam as coisas humanas e que há espíritos divinos<sup>127</sup>.

Foi o primeiro a definir a noção de belo como estando unida ao que é louvável, racional, útil, próprio e conveniente. Todas essas coisas acarretam o que é consistente e conforme com a natureza.

Discutiu a retidão dos nomes; estabeleceu primeiramente a prática de responder e perguntar retamente, usando-a ele mesmo bastante. Nos diálogos, estabelece a justiça como sendo lei divina, pois tem mais força para incitar a prática de atos justos; e os malfetores a não sofrerem penas após a morte. [80] Por conseguinte, alguns consideraram o seu grande gosto por mitos. Inseria essas histórias nas suas obras para que, sendo incerto o percurso após a morte<sup>128</sup>, evitem cometer erros. Tais são os seus pareceres.

Segundo Aristóteles, dividia<sup>129</sup> as coisas desta forma: no respeitante aos bens, uns existem na alma<sup>130</sup>, outros, no corpo, e outros, externamente. Por exemplo, a justiça, a prudência, a coragem, a prudência e outras similares estão na alma; a beleza, a boa constituição, a

---

<sup>127</sup> Δαίμων.

<sup>128</sup> Cf. Apologia 29a-b: τὸ γὰρ τοι θάνατον δεδιέναι, ὃ ἄνδρες, οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ δοκεῖν σοφὸν εἶναι μὴ ὄντα: δοκεῖν γὰρ εἰδέναί ἐστιν ἃ οὐκ οἶδεν. οἶδε μὲν γὰρ οὐδεὶς τὸν θάνατον οὐδ' εἰ τυγχάνει τῷ ἀνθρώπῳ πάντων μέγιστον ὄν τῶν ἀγαθῶν, δεδίασι δ' ὡς εἴ εἰδότες ὅτι μέγιστον τῶν κακῶν ἐστί «É que temer a morte, senhores, nada mais consiste do que julgar-se sábio, quando assim não é, pois trata-se de pensar que alguém conhece o que desconhece. Com efeito, ninguém sabe se a morte não é até a melhor bênção para os homens, mas eles temem-na como se soubessem que é o maior dos males». Vd. Platão *Republica* 386a-b. Cf., similarmente, Eurípidēs fr. 816.10-11 Kannicht: τὸ ζῆν γὰρ ἴσμεν, τοῦ θανεῖν δ' ἀπειρία | πᾶς τις φοβεῖται φῶς λιπεῖν τόδ' ἡλίου «Pois, ao passo que sabemos o que é estar vivo, a nossa falta de experiência com o que é estar morto, torna-nos temerosos de abandonar a luz do dia».

<sup>129</sup> Entenda-se [Platão].

<sup>130</sup> Entenda-se [mente].

saúde e a força, no corpo; os amigos, a boa reputação, a felicidade da pátria e as riquezas, no exterior.

[81] São três, então, as espécies de bens: o que estão na alma; os que estão no corpo; e os exteriores.

<São> três os tipos de amizade: uma é natural; outra social; outra de hospitalidade. Chamamos natural à que os pais têm pelos filhos e os familiares entre si; e aplica-se também a outros animais. Chamamos social à que surge a partir da intimidade e não tem a ver com parentesco, como a de Pílades e Orestes. A amizade de hospitalidade é a de estrangeiros, a partir de comunicação ou de cartas de apresentação. Como tal, a amizade é natural, social ou de hospitalidade. Alguns acrescentam um quarto tipo - de amor.

[82] Os governos são de cinco tipos: um é democrático; outro, aristocrático; um terceiro, oligárquico; um quarto, monárquico; um quinto, tirânico. O democrático é o daquelas cidades nas quais o povo impera, escolhendo magistrados e leis. A aristocracia é aquele em que nem governam os ricos, nem os pobres, nem os nobres, mas os melhores da cidade. A oligarquia é quando os magistrados são selecionados a partir das propriedades, pois os ricos são menos do que os pobres. A Monarquia é pela lei ou por hereditariedade. Em Cartago, é pela lei e, na realidade, está para venda. [83] Na Lacedemônia e na Macedônia, é pela hereditariedade, porquanto selecionam o rei a partir de uma determinada família. A tirania é aquele em que [os cidadãos] são governados por um indivíduo, através do engano ou da força. Assim, os [tipos de] governo são: democracia, aristocracia, oligarquia, monarquia, tirania.

São três as espécies de justiça: uma respeitante aos deuses; outra sobre os homens; outra sobre os defuntos. Os que oferecem sacrifícios segundo as leis e cuidam das coisas sagradas são, na realidade, pios para com os deuses. Os que reembolsam empréstimos e depósitos são justos para com os homens. Os que cuidam dos memoriais<sup>131</sup> são-no para com

---

<sup>131</sup> 'Túmulos'.

os defuntos. Por conseguinte, [os tipos de] justiça são a relativa aos deuses, aos homens e aos defuntos.

[84] São três as espécies de conhecimento: prático, produtivo, teórico. A edificação de casas e a construção de navios são práticas, pois o trabalho produzido por elas vê-se.

A política, a perícia em tocar aulos, cítaras e outros similares são práticas, pois nada de visível é produzido por elas, porém efetuam algo: toca aulos, cítara, prática política. A geometria, a harmonia e a astrologia são teóricas: nem efetuam nem produzem nada, porém o geômetra considera como as linhas se relacionam umas com as outras; o especialista de harmonia, os sons; o astrólogo os astros e o universo. Em suma, das ciências, umas são teóricas, outras, práticas, outras, produtivas.

[85] São cinco as espécies de medicina: farmacêutica, cirúrgica, dietética, diagnóstica e de socorro. A farmacêutica cura doenças com medicamentos; a cirúrgica, cura através do corte e causticação; a dietética põe cobro às doenças através da dieta; a diagnóstica, através do conhecimento da enfermidade; a de socorro, cura a doença através da ajuda para aliviar de imediato o sofrimento. Onde [as espécies] de medicina são: farmacêutica, cirúrgica, dietética, diagnóstica, de socorro.

[86] São duas as divisões da lei: a escrita e a não escrita. Aquela com que somos administrados nas cidades é escrita. A que resultou do costume, apelida-se não escrita, por exemplo, não sair para a praça nu; não vestir um traje de mulher. Estas coisas nenhuma lei proíbe, porém, não agimos assim, por ser proibido por uma lei não escrita. Como tal, a lei é escrita e não escrita.

As espécies de discurso são cinco, dos quais o que os políticos usam nas assembleias, designado de político. [87] Outra divisão do discurso é a que os oradores {utilizam na escrita}, feita para demonstração, aprovação, censura, expostulação, <defesa>. Assim, esta espécie apelida-se retórica. A terceira divisão de discurso é a que as pessoas usam ao comunicarem individualmente entre si. Isto é o tipo de discurso privado. Outra divisão de discurso é a dos que <dialogam>,

usando pequenas questões e respostas. Este discurso chama-se dialético. A quinta divisão de discurso é a que usam os artistas quando falam de arte. Este chama-se técnico. Assim, as [espécies] de discurso são cinco: político, retórico, privado, dialético, técnico.

[88] A música divide-se em três tipos: um, apenas através da boca, como o canto; um segundo, de boca e mãos, como o canto acompanhado de cítara; o terceiro, apenas de mãos, como a da cítara. Como tal, a música é: apenas vocal; ou de voz e mãos, ou de mãos.

A nobreza divide-se em quatro tipos: um, quando os antepassados são belos, bons<sup>132</sup> e justos, diz-se que os descendentes são nobres. Outrossim, quando os antepassados são poderosos ou magistrados, diz-se que os seus descendentes são nobres. De igual modo, quando os antepassados são notáveis, por exemplo, pelo comando militar ou através de prémios em certames. Então, designamos os descendentes de nobres.

[89] A outra espécie é quando alguém tem uma alma nobre e um espírito grandioso. Também este se diz nobre, e esta é a melhor forma de nobreza. Portanto, quanto à nobreza, uma depende dos antepassados; outra, de poderosos; outra de honra, outra da beleza e mérito próprio.

A beleza divide-se em três tipos: uma é laudável, como um belo aspeto; outra, útil, como um instrumento, uma casa ou outras coisas belas para uso; também coisas relacionadas com leis, costumes e outras são belas pelo benefício. Por conseguinte, dos [tipos de] beleza, uma é laudável; outra, útil; outra, benéfica.

[90] A alma contém três partes: uma parte é racional; outra, ansiosa; outra, irascível. De entre elas, a racional é a causa de querer, de refletir, de entender e de todos os demais. A parte ansiosa da alma é a causa de desejar comer, de relacionar-se, e de tudo o mais. A parte irascível é a causa da coragem, do prazer, da dor e da ira. Então, da alma, uma parte é racional; outra, ansiosa; outra, irascível.

As espécies de perfeita virtude <são> quatro: uma, prudência;

---

<sup>132</sup> Cf. kalokagathía.

outra, justiça; outra ainda, vigor; a quarta, temperança. [91] Destas, a prudência é a causa de proceder corretamente; a justiça, de agir justamente em parcerias e contratos; o vigor, de, nos perigos e temores, não abandonar a causa, mas perseverar; e a temperança, de comandar os desejos e nunca ficar escravo do prazer, mas levar uma vida regrada. Assim, [as espécies] de virtude são: prudência; depois, justiça; em terceiro lugar, vigor; em quarto, temperança.

O poder divide-se em cinco tipos: um, de acordo com a lei, outro, em conformidade com a natureza; outro, segundo o costume; o quarto, atendendo ao nascimento; o quinto, pela força. [92] Com efeito, nas cidades, os magistrados, quando eleitos pelos cidadãos, mandam segundo a lei. Os [magistrados] segundo a natureza são de género masculino, não apenas entre os homens, mas também entre os outros animais, pois em todas as partes têm um poder muito superior os machos ao das fêmeas<sup>133</sup>. O poder de acordo com o costume é aquele como o que os pedagogos usam com as crianças, e os professores com os seus discípulos. O poder pelo nascimento diz-se que é como o dos reis lacedemónios, pois o reino obtém-se por nascimento. E também na Macedónia governam por essa maneira - com efeito, também aí o governo é atribuído por nascimento. Os que governam pela força ou pelo engano cidadãos contra a vontade dos cidadãos - este governo diz-se pela força. Concluindo, o poder é pela lei, ou pela natureza, ou pelo costume, ou por nascimento, ou pela tirania.

[93] Os tipos de oratória<sup>134</sup> são seis. Ora, quando exortam à guerra ou a travar alianças com alguém, designa-se esse tipo de exortação. Contudo, quando não se clama a guerrear nem fazer alianças, mas permanecer quedo, este tipo é dissuasório. A terceira espécie de oratória é quando alguém declara ter sido prejudicado por outrem e manifesta ser a causa de muitos males - este tipo denomina-se acusação.

---

<sup>133</sup> Cf. misoginia clássica.

<sup>134</sup> Cf. § anteriores. Discurso retórico em público.

O quarto tipo de oratória {chama-se apologia} - quando manifesta não ter agido injustamente, nem ter cometido nenhum ato desajustado. [94] A quinta espécie de oratória é quando o orador diz bem de alguém e o demonstra belo e bom<sup>135</sup> - esta espécie chama-se encómio. Um sexto tipo é quando se demonstra que alguém é mau - esta designa-se invectiva. Então da oratória existe o encómio, a invectiva, a exortação, a dissuasão, a acusação e a apologia.

Falar corretamente divide-se em quatro: primeiramente, corresponde a falar o que é necessário; seguidamente, falar o tempo necessário; terceiro, diante de quem é necessário; em quarto lugar, quando necessário. Dizer o que é necessário trata-se de apresentar o que se pretende útil ao orador e ao ouvinte. Dizer quanto convém não é nem mais nem menos do que o suficiente. [95] Dizer a quem convém corresponde a, ao falar diante de pessoas mais velhas, dever adaptar-se o discurso para os mais velhos, e, perante os mais jovens, é necessário adaptar-se a mais jovens. O momento próprio para falar não é nem antecipadamente nem tardiamente, caso contrário, falhar-se-á e não se falará corretamente.

O benefício é de quatro tipos: assim, ou com dinheiro, ou com corpo, ou com as ciências, ou com palavras. Com dinheiro, quando alguém ajuda um necessitado, para que prospere. Praticam o bem para com outros, com os corpos, quando acorrem aos que estão a ser espancados e os auxiliam. [96] Os mestres, os médicos e os que ensinam alguma coisa útil beneficiam com os saberes. Mas quando alguém vai a um tribunal para auxiliar outrem e profere um discurso adequado sobre ele, beneficia-o com o discurso. Por conseguinte, a propósito dos benefícios, são conferidos por dinheiro, corpo, ciência, ou através de palavras.

O fim das coisas divide-se em quatro tipos. Primeiramente, fundam-se as coisas pela lei, quando se cria um decreto e ele é

---

<sup>135</sup> Cf. καλοκάγαθία.

confirmado pela lei. Chega-se ao fim das coisas pela natureza, designadamente: o dia, o ano e a estações. Pela arte chega-se ao término de atos como a construção civil, pois {alguém} completa uma casa; e também a construção de barcos, pois fica feito. [97] Chega-se ao fim do ato através de sorte<sup>136</sup>, quando não sucede como se supunha. Então, o fim das coisas processa-se segundo a lei, ou segundo a natureza, ou segundo a arte, ou segundo o acaso.

A capacidade divide-se em quatro tipos: em primeiro lugar, a capacidade com a mente, <como> considerar e conjecturar; outra, com o corpo, como andar, dar, receber e outras coisas similares. Em terceiro lugar, o que consegue fazer-se com uma grande quantidade de soldados, quando se diz que um rei tem muita capacidade. A quarta divisão de capacidade consiste em sofrer e fazer o bem e o mal, por exemplo, podemos estar doentes, ser instruídos, ou ficar sãos e todas as demais coisas deste tipo. Assim, uma espécie de capacidade reside no ânimo; outra, no corpo; outra, nas tropas e em recursos; e outra, em fazer e sofrer.

[98] A filantropia é de três espécies: uma é através de saudações, como quando alguns cumprimentam todos os que encontram e, estendendo a mão direita os saúdam. Outro tipo, quando alguém auxilia outrem desafortunado. Outro tipo de filantropia é o de alguns que oferecem convívios. Assim, a filantropia manifesta-se através da saudação, do benefício, da hospitalidade e convívio social.

A felicidade divide-se em cinco partes: uma é a prudência; outra, a sensibilidade e saúde do corpo; a terceira, sucesso nas ações; a quarta, boa reputação entre os homens; a quinta, abundância de dinheiro e demais coisas úteis para a vida. [99] A prudência dimana da educação e da experiência em muitas coisas. A sensibilidade [procede] das partes do corpo, designadamente, quando alguém vê com os olhos, ouve com os ouvidos, se apercebe com o nariz e a boca como convém perceber.

---

<sup>136</sup> Τύχη.

Então, a sensibilidade é isso. O sucesso, quando conduzir os atos convenientemente, conforme atua um indivíduo diligente. A boa reputação é quando alguém é bem falado. A abundância de dinheiro é quando alguém está prevenido para as necessidades da vida, de tal forma que faz bem aos amigos e mostra-se pródigo nos serviços públicos. Quem consegue isto é completamente feliz. Ora, a felicidade consiste na prudência, na sensibilidade, na sanidade do corpo, no sucesso, na reputação, na abundância.

[100] As artes dividem-se em três: primeira, segunda e terceira. Em primeiro lugar, a metalúrgica e o corte de madeira: estas são produtivas. Em segundo lugar, a ferragem e a carpintaria, que são transformativas, pois a partir do ferro a ferraria faz armas e a carpintaria, a partir de madeira, aulos e liras. Outra é utilitária, como o cavaleiro usa os freios; ou a guerra, as armas; ou a música, aulos e lira. Há pois três tipos de arte: em primeiro, segundo e terceiro lugar.

[101] O bem é de quatro espécies, a primeira das quais é quando dizemos que alguém possuidor de virtude é particularmente bom. Em segundo lugar, afirmamos que a própria virtude e a justiça são um bem. Em terceiro lugar, por exemplo, os alimentos, exercícios adequados e remédios. E a quarta que dizemos ser bem é a arte de tocar flauta, a atuação e outras similares. Assim, são quatro as espécies de bem: primeiro, possuir virtude; depois, a virtude em si mesma; em terceiro lugar, alimento e exercício adequado; em quarto, tocar aulos, atuação e poética são o que dizemos bom.

[102] Das coisas existentes, umas são más, outras boas e outras neutras. Destas, chamamos más às que podem sempre prejudicar, como a intemperança, a imprudência, a injustiça e outras assim. As contrárias destas são boas. Mas as coisas que por vezes são benéficas e por vezes prejudicam (como passear, estar sentado, comer), <ou> as que nunca são capazes de favorecer nem de prejudicar não são boas nem más. Assim, das coisas existentes, umas são boas, outras más e outras nenhuma dessas.



[103] A boa ordem governamental<sup>137</sup> divide-se em três [tipos]: em primeiro lugar, se as leis são boas, dizemos que é um bom governo; depois, se os cidadãos obedecem às leis estabelecidas, também dizemos que isso é um bom governo; em terceiro lugar, se não tiverem leis, os cidadãos se orientam bem, através de costumes e práticas - a isto chamamos boa ordem governamental. Portanto, da boa ordem governamental, primeiramente é quando as leis são boas; também se as leis são cumpridas; em terceiro lugar, se os cidadãos vivem em conformidade com costumes e instituições.

O mau governo é de três tipos: o primeiro é quando as leis são desprezíveis, tanto para estrangeiros<sup>138</sup>, como para cidadãos; [104] em segundo lugar, se não se respeitam as estabelecidas; outrossim, se não existe nenhuma lei. Então, há mau governo quando as leis são más; também se não são obedecidas; em terceiro lugar, se não há lei nenhuma.

As coisas contrárias são de três tipos: como quando dizemos que os bens são contrários aos males, designadamente, a justiça à injustiça, a sabedoria à ignorância, e afins. Também, os males são contrários aos males, como a prodigalidade à mesquinharia; ser injustamente castigado, a ser justamente castigado. Assim, os males são contrários a males. Então, o pesado ao leve, o rápido ao lento; o negro ao branco, os neutros aos neutros são contrários. [105] Assim, das coisas contrárias, umas são contrárias, como a as boas às más; outras, como as más às más; outras, como as neutras às neutras.

São três os tipos de bens: os que se possuem individualmente; os que podem ser partilhados; os que simplesmente existem. Por um lado, os que se possuem, que podem ter-se individualmente, designadamente, a justiça, a saúde; por outro lado, os partilhados, que não podem ter-se individualmente, mas é possível participar-se individualmente deles, a

---

<sup>137</sup> Cf. Sólon, *eunomia*.

<sup>138</sup> Cf. o conceito de 'xenofobia' na Antiguidade Grega.

saber, não pode possuir-se o bem, mas é possível participar-se individualmente dele; por outro lado ainda, os que simplesmente existem, que não podem partilhar-se nem possuir-se individualmente, mas é preciso que existam, como ser diligente e justo é bom. Então, o que não se possui, nem é partilhado, mas precisa de existir {ser breve e ser justo}. Ora, dos bens, uns são possuídos; outros partilhados; outros existem por si mesmos.

[106] O conselho divide-se em três tipos: uns tomam-se dos tempos passados; outros, dos vindouros; outros, do presente. Os dos tempos passados são a partir de exemplos, como o que os padeceram os lacedemónios por guardar fidelidade; os [conselhos] a partir do tempo presente, a exemplo de mostrar que a muralha é frágil; os homens, cobardes; o alimento, pouco. Os dos tempos futuros, por exemplo, não injuriar as embaixadas velhos com suspeitas, para não tornar assim a Hélade ingloria. Como tal, o conselho deriva dos tempos passados, presentes e futuros.

[107] O som<sup>139</sup> divide-se em dois tipos: um animado, outro inanimado. O animado é o som dos animais; o inanimado são sons musicais e os ecos. Do som animado, ou é articulado ou inarticulado. O dos homens é articulado, mas o dos animais, inarticulado. Assim, o som é animado ou inanimado.

Das coisas existentes, umas são divisíveis, outras indivisíveis. Das divisíveis, umas são em partes semelhantes, outras em partes dissimilares. Indivisíveis são as que não admitem divisão, nem se compõem de nada<sup>140</sup>, a saber, a unidade, o ponto, o som [musical]; ao passo que divisíveis, as que se compõem de algo, designadamente, as sílabas, as sinfonias, os animais, a água, o ouro. [108] De partes semelhantes são as coisas que se compõem de similares e o seu todo não se diferencia das suas partes, a não ser em volume, a saber, a água, o ouro, tudo o que é

---

<sup>139</sup> Cf. Ps. Aristóteles *Περὶ Ἀκουστών*.

<sup>140</sup> Cf. Zenão em Ps-Aristóteles *Περὶ ατόμων γραμμών*.

fundido e outros. São heterogéneas as coisas compostas de partes dissimilares, como a casa e outras similares. Por conseguinte, das coisas existentes, umas são divisíveis, outras indivisíveis. Das divisíveis, umas homogéneas, outras heterogéneas.

Das coisas existentes, umas chamam-se absolutas, outras relativas. As absolutas existem enunciadas em si mesmas, sem ser necessária nenhuma explicação – são estas o homem, o cavalo e todos os outros animais. Com efeito, estes afirmam-se sem nenhuma explicação. [109] Quanto às chamadas relativas, necessitam de explicação, designadamente, o que é maior do que outro; mais veloz do que outro, mais belo e afins – de facto, o que é maior é-o face um menor; o mais veloz será <mais veloz> do que algo. Assim, das coisas existentes, umas são absolutas, outras relativas. Deste modo, dividia também as coisas primárias, segundo Aristóteles.

Existiu também outro Platão, filósofo ródio, discípulo de Panécio, segundo regista Seleuco Gramático, no primeiro livro de *Da Filosofia*. Outro, peripatético, discípulo de Aristóteles. Existiu ainda outro, discípulo de Praxifanes; e outro, poeta da Comédia Antiga.